

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



CAPITALISMO DEPENDENTE, JUVENTUDE DA CLASSE TRABALHADORA E A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO.

Mônica Paulino de Lanes¹

RESUMO

O artigo analisa os impactos do capitalismo dependente, à partir da Teoria Marxista da Dependência, para a juventude da classe trabalhadora brasileira, tendo como principal mediação a categoria superexploração da força de trabalho em Marini. Para isso, realizamos pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados apontam à tendência de que assim como o subdesenvolvimento das economias dependentes desempenha papel essencial para o desenvolvimento do capitalismo em sua totalidade, a juventude da classe trabalhadora também desempenha papel fundamental no processo de reprodução do capital, submetendo os jovens trabalhadores a condições de trabalho extremamente precárias e extenuantes, reforçando o lugar do jovem trabalhador como parte importante do exército industrial de reserva na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo Dependente. Superexploração da Força de Trabalho. Juventude.

ABSTRACT

The article analyzes the impacts of dependent capitalism, based on the Marxist Theory of Dependency, on Brazilian working-class youth, having as its main mediation the category of overexploitation of the workforce according to Marini's studies. For this, we carried out bibliographical and documentary research. The results point to the tendency that, just as the underdevelopment of dependent economies plays an essential role in the development of capitalism in its entirety, working class youth also plays a fundamental role in the process of reproduction of capital, subjecting young workers to working conditions extremely precarious and strenuous, reinforcing the role of young workers as an important part of today's industrial reserve army.

KEY WORDS: Dependent Capitalism. Overexploitation of the Workforce. Youth.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutora em Serviço Social (UFRJ), professora do curso de Serviço Social UFES. monicapaulinodelanes@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O artigo, que é um recorte da pesquisa de doutorado defendida em 2019, tem por objetivo analisar os impactos da reprodução do capitalismo dependente brasileiro para a juventude da classe trabalhadora, tendo como umas das principais mediações a categoria superexploração da força de trabalho, a partir da concepção de Marini. Nossa tese é de que, assim como o subdesenvolvimento das economias dependentes é parte fundamental do processo global de desenvolvimento do capitalismo, a juventude também desempenha um papel importante no processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Para atender ao objetivo, debateremos sobre o capitalismo dependente na atualidade, partindo das análises da Teoria Marxista da Dependência (TMD)² e analisaremos os mecanismos da superexploração da força de trabalho e sua relação com a juventude da classe trabalhadora brasileira, através de dados pertinentes ao segmento populacional. Realizamos pesquisa bibliográfica e documental.

2 CAPITALISMO DEPENDENTE E JUVENTUDE

2.1 Capitalismo dependente

Para Marini (2011) a dependência expressa uma situação em que a economia dependente se encontra subordinada às economias centrais, de modo que essas últimas podem expandir de forma autossustentada. Já às economias dependentes só restaria o reflexo dessa expansão, sendo restringida pela condição dependente. Isto porque a dependência é parte do processo de reprodução do

² Para a TMD, há um movimento do capital que é regido por leis gerais e outro particular que, sem negar as leis gerais, apresenta leis específicas que redefinem o modo de expressão dessas leis gerais, condicionando o processo de reprodução do capital. A TMD elabora novos conceitos que, embora subsumidos às categorias de Marx, estão associados ao funcionamento do capitalismo dependente (FILGUEIRAS, 2018).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



capitalismo que ao se reproduzir em sua totalidade, reproduz simultaneamente a dependência. Logo, a dependência não é um erro ou de falta de desenvolvimento, mas, sim, parte da dinâmica de produção e reprodução do capital como um todo.

Destacamos que o objetivo de Marx em *O Capital* é analisar o funcionamento da economia capitalista, em um nível de abstração mais elevado, não se detendo nas distintas especificidades reais. Já o objetivo da Teoria Marxista da Dependência (TMD) é pensar o modo de produção capitalista dentro da especificidade das distintas formas de inserção dentro da acumulação capitalista, tomando como pressuposto as leis gerais, mas buscando capturá-las no real. Para os teóricos da TMD há um movimento do capital que é regido por leis gerais e há um movimento particular que, sem negar as leis gerais, apresenta leis específicas que redefinem o modo de expressão dessas leis gerais, condicionando o processo de reprodução do capital. Ao questionar quais são as particularidades do capitalismo dependente, a TMD explicita os distintos níveis de abstração para tratar de um tema determinado, e explicita também o próprio movimento metodológico realizado por Marx na construção de sua teoria (CARCANHOLO, 2017).

Uma das principais determinações da economia dependente é que uma parte do mais-valor produzido em seu interior não é apropriado internamente (pelos capitalistas dessas economias), mas nas economias centrais, por meio das transferências de valor (MARINI, 2011). Para compensar esse movimento, o capitalista (das economias dependentes) lança mão do que ele chamou de superexploração da força de trabalho, que é apresentada por Marini como sendo característica estrutural demarcadora da condição dependente das economias. Assim, a tendência no capitalismo dependente será a de explorar ao máximo a força de trabalho, sem se preocupar em criar condições para sua reposição, contando sempre com a possibilidade de substituição da força de trabalho mais jovens. Lembrando que dentro da perspectiva marxiana as relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho pressupõem também as condições para sua reposição.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Essas duas categorias – transferências de valor e superexploração da força de trabalho – são essenciais no pensamento de Marini, especialmente em sua relação dialética, para entendermos a realidade latino-americana, mas é importante dizer que além dessas duas, o autor também desenvolve as categorias, tais como a de subimperialismo e cisão no ciclo de reprodução do capital, que por questões de espaço não desenvolveremos neste artigo. Também não poderemos aprofundar aqui, apenas apontaremos, que o caminho percorrido por Marini foi o de relacionar o debate sobre a dependência ao do Imperialismo em Lênin, pois essa etapa do capitalismo apresenta características que demarcam particularidades na divisão internacional do trabalho e uma organização particular do capitalismo nas economias dependentes. A TMD, tal como as teorias do imperialismo, identifica o sistema capitalista como uma ordem hierárquica em que a minoria dos países – as economias centrais – condiciona e subordina as demais economias.

Feitas essas considerações iniciais trataremos do capitalismo dependente na atualidade. A crise dos anos 1960 e 1970 marca a entrada na terceira fase do capitalismo monopolista, quando o capital busca estratégias para enfrentá-la. Tais estratégias fundamentam as bases do capitalismo contemporâneo, que tem como características fundamentais: a reestruturação produtiva, a ideologia neoliberal, a financeirização do capital, com a extraordinária ampliação do capital fictício³ (CARCANHOLO, 2011). Contudo, apesar de ser um desdobramento dessa, a crise atual (mundializada, global e sistêmica) tem particularidades, configurando-se em uma crise de superprodução de capital com elevada participação do capital fictício (HERRERA, 2015).

³ O capital fictício é um desdobramento do capital comércio de dinheiro em capital a juros, esse processo é parte da autonomização das formas funcionais do capital. Ele nasce como consequência da generalização do capital a juros, mas é resultado de uma ilusão social, já que por detrás dele não existe substância real, mas é um equívoco defini-lo como não-real. Ele é e não real ao mesmo tempo. Do ponto de vista individual é capital real, do ponto de vista da totalidade, é capital fictício (CARCANHOLO; SABADINI, 2015).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Uma das consequências das crises recentes é a desvalorização do capital (superacumulado na fase anterior), que pode acontecer pela destruição ou pela ociosidade de uma parte desse capital, implicando em quebra de grande parte das instituições financeiras. Entretanto, tais resultados não fazem parte das possibilidades no capitalismo contemporâneo, que se utiliza de três elementos principais: 1) aumentar a taxa de mais-valia para adequar o mais-valor ao montante de títulos desse período, uma vez que uma das características do capital fictício é a apropriação do mais-valor ainda não produzido; 2) ampliar a reforma do Estado gerando novos espaços para a valorização do capital; 3) fornecimento de liquidez – monetização – dando estabilidade aos mercados financeiros via destinação de parte do orçamento do Estado, que pode ocorrer pela redução dos gastos públicos e/ou do lançamento de títulos públicos adicionais no mercado, elevando a dívida pública (CARCANHOLO, 2011).

Assim, o capitalismo contemporâneo, sob a estratégia neoliberal, aprofunda a dependência justamente por amplificar a articulação dialética dos condicionantes estruturais e conjunturais das economias dependentes. Estruturalmente, os mecanismos de transferência de valor⁴ dessas economias são acentuados para reverter os problemas de valorização das economias centrais. Conjuntamente, as economias dependentes, frente ao crescimento da economia mundial e do ciclo de crédito internacional, respondem de forma mais intensa e rápida aos ciclos da economia mundial. Nesse processo, três aspectos se destacam: transnacionalização, desindustrialização e reprimarização das economias dependentes (CARCANHOLO, 2017).

No período entre 2001 e 2007 o cenário internacional é extremamente favorável. Algumas economias inclusive puderam exportar mais e com preços das

⁴ Transferência de valor é categoria fundante da TMD e se relaciona aos níveis de produtividade do trabalho. Não poderemos apresentar aqui os níveis de abstração que Marini aborda a categoria, mas é necessário dizer que como a economia dependente costuma ter composição orgânica do capital mais baixa, ela tende a produzir mais-valor do que consegue se apropriar, transferindo parte dele para as economias centrais através da diferença de produtividade do trabalho no comércio mundial.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



commodities mais elevadas, fato que permitiu implementar uma política de conciliação de classes com o aumento das políticas sociais que minimizaram os efeitos da superexploração. Mas esse quadro positivo foi interrompido em função da grave crise estrutural do capitalismo de 2007/2008, agravando não só aspectos conjunturais, mas também os determinantes estruturais. A superacumulação do capital fictício cria a necessidade de aumentar fortemente a produção de valor, o que requisita aumentar exponencialmente a exploração da força de trabalho mundialmente, e da superexploração da força de trabalho nas economias dependentes (CARCANHOLO, 2017).

Filgueiras (2018) afirma que, após o golpe midiático-jurídico-parlamentar de 2016, o processo de desestruturação da engenharia nacional – a abertura das áreas do pré-sal ao capital estrangeiro, a modificação do regime de exploração, e o desmonte da cadeia produtiva do petróleo, com a extinção da política de conteúdo nacional –, fragilizou ainda mais a capacidade do país em gerar conhecimento técnico. Do ponto de vista estrutural, aprofundou as características marcantes da formação econômico-social brasileira: a dependência externa tecnológica e financeira, com acentuada transferência de renda para fora do país; inserção passiva e subalterna na divisão internacional do trabalho; alta concentração de renda e desigualdade social; o rebaixamento do estatuto do trabalhador; e a apropriação do público pelo grande capital.

2.2 Superexploração da força de trabalho e juventude

Como dito anteriormente a superexploração da força de trabalho é uma categoria central para a TMD⁵, uma vez que a condição de capitalismo dependente

⁵ A categoria superexploração da força de trabalho não pode ser compreendida como uma categoria em Marx, em razão dos níveis de abstração que Marx e Marini estão analisando. Enquanto Marx está observando o desenvolvimento do capitalismo em geral, Marini está analisando em nível mais concreto da realidade, o que implica afirmar que os pressupostos marxianos podem ser generalizados para as sociedades capitalistas em geral; mas as análises da não.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



coloca a necessidade de que os capitalistas das economias dependentes lancem mão de uma maior exploração da força de trabalho – a superexploração da força de trabalho – tendo em vista a compensação do valor transferido e a necessidade de elevar a taxa de acumulação do capitalismo dependente. A categoria superexploração da força de trabalho é um dos aspectos mais lembrados no debate sobre o capitalismo dependente, e, segundo Marini (2011), é um dos fundamentos da dependência, também a mais controversa. Um primeiro aspecto que precisamos tratar é da relação entre a superexploração da força de trabalho e a teoria marxista do valor. Esta última é entendida como a teoria de Marx sobre a sociedade capitalista, incluindo todas as suas leis tendenciais, e seus aspectos econômicos ou não (CARCANHOLO, 2011a). A lei do valor não é a-histórica ou supra-histórica, isto porque ela “[...] não está baseada numa análise das transações de troca enquanto tais em sua forma material, mas na análise das relações sociais de produção que se expressam nas transações” (RUBIN, 1987, p.77).

Assim como as demais categorias, a lei do valor em Marx, também contém uma dualidade contraditória, ela é simultaneamente assunção e negação do valor. Logo, no movimento do real, que é dialético, há diferentes momentos e determinações (unidade e continuidade; negação da negação)⁶, incluindo momentos em que a negação opera de forma menos radical e profunda. Neste sentido, a lei do valor é simultaneamente a assunção e a negação do valor. Ou seja, ela é simultaneamente o intercâmbio de equivalentes e sua negação; pagamento da força de trabalho próximo ao seu valor e o pagamento abaixo de seu valor; consumo da força de trabalho em torno de seu valor, quanto consumo acelerado da força de trabalho.

⁶ “[...] a gênese ontológica de uma nova espécie de ser já traz em si as suas categorias decisivas [...] mas, que essas categorias, de início, apenas estão presentes em si, e o desdobramento do *em-si* ao *para-si* deve ser sempre um longo, desigual e contraditório processo histórico. Essa superação [*Aufhebung*] do *em-si* através da sua transformação em um *para-si* contém as consistentes determinações do anular, conservar e elevar a um nível superior [...]” (LUKÁCS, 2013, p 110).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Cabe lembrar ainda que Marx, em determinado nível de abstração, ao supor que a força de trabalho seja vendida por seu valor, não está desconsiderando que ela não possa ser vendida, na realidade concreta (em outro nível de abstração), abaixo de seu valor, ou seja, a não correspondência entre preços e valores é parte do modo de produção capitalista. A superexploração da força de trabalho, assim, pode ser compreendida como a agudização da tendência negativa da lei do valor. Isto porque a força de trabalho “[...] na superexploração, além de estar submetida à exploração capitalista nas determinações mais gerais da lei do valor, está também submetida às determinações específicas desta, sob as quais é agudizada sua tendência negativamente determinada [...]” (LUCE, 2018, p. 155), resultando em desgaste prematura da força de trabalho e/ou o rebaixamento de seu valor. Partindo dessas considerações podemos afirmar que, em nosso entendimento, a superexploração da força de trabalho não é uma violação da lei do valor⁷, mas sim uma manifestação dialética da lei do valor.

Marini (2011) apresenta quatro mecanismos da superexploração da força de trabalho: a definição do valor da força de trabalho abaixo de seu valor; o aumento da intensidade do trabalho além dos limites normais; e a ampliação da jornada de trabalho além dos limites normais; e o hiato entre o pagamento da força de trabalho e o elemento histórico-moral do valor da força de trabalho, como um desdobramento do primeiro mecanismo.

Analisaremos agora o mecanismo de definição da força de superexploração da força de trabalho abaixo de seu valor⁸ e sua relação com a juventude da classe

⁷ A perspectiva de que há na superexploração da força de trabalho violação da lei do valor está presente em pesquisas de diversos pesquisadores contemporâneos da Teoria Marxista da Dependência, dentre eles ressaltamos o nome de Jaime Osorio, um dos grandes pensadores da TMD na atualidade. Existem outras polêmicas envolvendo a categoria superexploração da força de trabalho, mas que não poderemos tratar aqui.

⁸ Marx, em determinado nível de abstração, ao supor que a força de trabalho seja vendida por seu valor, não está desconsiderando que ela não possa ser vendida, na realidade concreta, abaixo de seu valor, ou seja, a não correspondência entre preços e valores é parte do modo de produção capitalista, o que nos leva a afirmar que a superexploração da força de trabalho não é uma violação da lei do valor, mas sim, uma manifestação dialética da lei do valor na realidade concreta.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



trabalhadora no Brasil. Para tal precisamos lembrar que a força de trabalho para Marx (2013) é uma mercadoria, como outra qualquer, mas é uma mercadoria especial. É especial por ser uma força criadora de valor, e é uma mercadoria como outra qualquer, pois pode ser comprada e vendida por uma quantidade de trabalho socialmente necessária. Assim, a força de trabalho é determinada pelo valor dos meios de existência necessários, ou seja, os custos de reprodução dos trabalhadores, enquanto classe, em que se devem incluir os custos para se substituir os trabalhadores. Neste sentido, considera-se no pagamento do valor da força de trabalho, os custos para a existência e reprodução não só do trabalhador isoladamente, mas também enquanto classe.

Precisamos recuperar aqui a relação entre o exército industrial de reserva e a acumulação capitalista. Marx (2013, p. 71) afirma que a acumulação capitalista [...] sempre produz, e na proporção de sua energia e de sua extensão, uma população trabalhadora supérflua relativamente, isto é, que ultrapassa as necessidades médias da expansão do capital, tornando-se desse modo, excedente. Para ele, o acréscimo de capital variável significa o aumento de mais trabalho, mas não necessariamente o aumento de trabalhadores empregados. Isto porque o capitalista tem interesse em extrair uma determinada quantidade de trabalho de menor número de trabalhadores, desde que o custo salarial seja menor ou igual, evitando assim, o aumento do capital constante que é proporcional ao número de trabalhadores. Esse fator se torna decisivo quanto maior for a escala de reprodução.

Para que esse recurso seja utilizado, o capital precisa explorar mais, extensiva e intensivamente, o que pode acontecer por meio do aumento da intensificação do trabalho ou da jornada de trabalho, ou ainda através do barateamento do valor da força de trabalho pela substituição de trabalhadores qualificados por trabalhadores menos qualificados, ou da força de trabalho adulta pela força de trabalho de jovens e crianças. Assim, a exploração ampliada da parte empregada dos trabalhadores faz engrossar as fileiras do exército industrial de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



reserva, que, de acordo com Marx (2013), assume três formas principais: a) flutuante (trabalhadores dos centros industriais que ora estão empregados e ora desempregados. Aqui estão os jovens, cuja força de trabalho é utilizada como estratégia para baratear o valor da força de trabalho masculina e adulta); b) latente (trabalhadores do campo obrigados a migrarem para as regiões industriais); c) estagnada (trabalhadores com ocupação totalmente irregulares); além da existência do pauperismo.

O exército industrial de reserva é uma estratégia para a reprodução e manutenção da classe enquanto classe desprovida dos meios de produção, logo, tem relação direta com a definição do valor da força de trabalho. Nesse sentido, é elemento essencial, para nos ajudar a compreender o pagamento do valor da força de trabalho abaixo de seu valor como mecanismo da superexploração, que, para Marini (2011, p. 148) pode ser descrito como o procedimento que reduz “[...] o consumo do operário mais além do seu limite normal, pelo qual o fundo necessário de consumo do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em um fundo de acumulação de capital, implicando assim em um modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente”.

Esse fenômeno não seria uma novidade no capitalismo, por isso Marini (2014) esclarece que os trabalhadores das economias centrais estão submetidos a uma intensificação constante de sua exploração. Entretanto, o maior grau de exploração pode corresponder ou a uma diminuição real do trabalho necessário (o que pode ser alcançado sem que a remuneração caia abaixo de seu valor), ou pode corresponder à extensão do trabalho excedente às custas do tempo de trabalho necessário para produzir a força de trabalho. Considerando este último caso, “[...] a força de trabalho, está sendo remunerada a um preço inferior ao valor real, e o trabalhador não estará submetido apenas a um grau de exploração, mas será também objeto de uma superexploração. Ambos os casos são radicalmente diferentes entre si” (MARINI, 2014, p. 173-174). De acordo com Marini há uma

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



tendência nas economias centrais de que o valor da força de trabalho seja pago próximo ao seu valor, e o mesmo não pode ser dito com relação às economias dependentes.

No que se refere aos salários, podemos constatar que em relação a este segmento populacional, historicamente, é o que recebe os menores rendimentos (LANES, 2019). De acordo com dados do DIEESE, em 2017 o rendimento médio real por faixa etária, sexo e cor/raça comparando o quarto trimestre de 2016, os rendimentos mais elevados são dos homens não negros com 60 anos ou mais (R\$ 3.600,00) e os rendimentos mais baixos entre as jovens negras de 14 a 17 anos (R\$ 472,00). Analisando a diferença de rendimentos, nessa pesquisa, o jovem tem os menores rendimentos comparando com qualquer outro segmento populacional, variando entre 17% e 60% a depender do gênero e etnia, sendo as jovens negras as mais afetadas.

Os baixos salários dos jovens trabalhadores salientam a importância do uso da força de trabalho juvenil para o pagamento do valor da força de trabalho abaixo de seu valor, mas não se limita a isso.

Outro aspecto importante é que, historicamente, os jovens detêm as maiores taxas de desemprego (LANES, 2019), e nos últimos anos a taxa de desocupação tem sido crescente, em 2017, de acordo o IBGE, a taxa alcançou uma marca de 22,6%. De acordo com os dados, esse é o segmento populacional com as maiores taxas de desocupação em relação aos demais grupos etários, e, se comparado ao grupo etário por sexo identificamos que mais uma vez as jovens mulheres são as mais afetadas, com 26,3% da taxa de desocupação, neste período

Dados da PNAD relativos ao primeiro trimestre de 2023 apontam que a taxa de desocupação no Brasil, foi estimada em 8,8%, uma redução de 2,4 pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2022 (7,9%), entretanto, para o segmento populacional de 18 a 24 anos ficou a taxa de desocupação ficou em

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

29,1%, apresentando um patamar superior aos demais grupos etários. Cabe ressaltar aqui que o segmento de 25 a 39 anos tem a maior taxa (36%), entretanto, uma parte deste segmento também é considerado como participe da juventude, a depender do órgão que pesquisa, como por exemplo o Conselho Nacional de Juventude, que entende a juventude como a idade entre 18 a 29 anos.

Importante considerar também a população fora da força de trabalho, ou seja, aquelas pessoas em idade para trabalhar, mas que no momento da pesquisa aquelas que não estavam ocupadas nem desocupadas. Analisando este aspecto, aqueles com menos de 25 anos de idade somavam 25,6%.

Há outras mediações que podem ser feitas entre juventude e esse mecanismo da superexploração da força de trabalho (que não poderemos apresentar nesse artigo), mas para finalizarmos essa análise precisamos abordar outro aspecto, que trata de uma forma mais direta da apropriação do fundo de consumo do jovem trabalhador, por meio da apropriação das políticas sociais⁹ voltadas para esse segmento, e analisando-as no capitalismo dependente na atualidade, identificamos que o capital se espraia sobre elas¹⁰, apropriando-se direta ou indiretamente desse fundo de consumo do trabalhador. As políticas voltadas para a juventude, que emergem a partir dos anos de 1990 (que vinham em processo de ampliação desde este período e que são brutalmente interrompidas com o Golpe midiático-parlamentar de 2016), têm como característica principal se enquadrarem tanto no rol das políticas de transferência de renda, quanto nas de políticas de geração de emprego e renda (LANES, 2019).

Desse modo, por um lado, elas entram como substituto da ausência de rendimentos, ou de baixos rendimentos. Mas, por outro lado, tais políticas envolvem

⁹ Importante esclarecer que entendemos política social como parte do fundo de consumo do trabalhador e um dos elementos do fundo público que é composto com a riqueza socialmente produzida pelos trabalhadores. Logo, a apropriação delas, em suas diversas possibilidades, é apropriação do fundo de consumo do trabalhador.

¹⁰ Para aprofundar o debate consultar Behring (2009).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

o processo de inserção da força de trabalho (empregada, desempregada ou em formação) no mundo das finanças, pois elas são viabilizadas por meio de instrumentos creditícios e financeiros operadas por grandes instituições bancário-financeiras.

As múltiplas formas de monetarização da política social, via “bolsas”, substituem gradualmente as políticas sociais universais. Esses programas cumprem um duplo papel: contribuem no processo de financeirização do capital, pois possibilitam assistencialismo minimalista e monetarizado para os jovens mais pauperizados da classe trabalhadora; e como política de geração de emprego e renda, contribuindo para o processo de formação/conformação da força de trabalho, seja através das qualificações técnicas e políticas para o acesso ao emprego, seja reforçando o ideário do empreendedorismo.

Importante ressaltar que as ações do Estado para os jovens são distintas: para os jovens que estarão, ou que permanecerão mais tempo, como superpopulação relativa flutuante, destinam-se as políticas sociais voltadas para a formação da força de trabalho atendendo ao discurso ideológico da empregabilidade e da formação de “capital humano”. Já para os jovens que permanecerão na superpopulação estagnada o processo é diferente, e consiste em disponibilizar algumas políticas sociais ainda mais focalizadas do que as demais, mas, sobretudo, a estratégia do encarceramento, fato que pode ser facilmente verificado observando o número de jovens encarcerados, principalmente os jovens homens, negros e das periferias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aproximações feitas nos permitem afirmar que existe uma tendência de superexploração da força de trabalho e que se mantém na atualidade, especialmente se analisarmos o mecanismo definição da força de superexploração

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



da força de trabalho abaixo de seu valor, resultando em pagamento da força de trabalho abaixo do seu valor para a classe trabalhadora em geral, e mais acentuadamente para os jovens trabalhadores. Assim, a superexploração da força de trabalho juvenil (que é consequência para os jovens) é mola propulsora para o pagamento do valor da força de trabalho abaixo de seu valor para os demais trabalhadores, uma vez que esse enorme contingente de força de trabalho disponível para ser explorada por um valor bem abaixo do que seria seu valor, pressiona para baixo também o valor da força de trabalho dos demais trabalhadores. Neste sentido, os jovens trabalhadores brasileiros desempenham um papel fundamental na relação dialética transferência de valor e superexploração da força de trabalho.

REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti. Acumulação Capitalista, fundo público e Política Social. In: **Política Social no Capitalismo: Tendências Contemporâneas**. BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING, Elaine Rossetti; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; MIOTO, Regina Célias Tamasso (Orgs.). 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009

CARCANHOLO, Reinaldo; SABADINI, Maurício de S. Capital Fictício e Lucros Fictícios. In: GOMES, Helder. **Especulação e lucros Fictícios: Formas Parasitárias da acumulação contemporânea**. São Paulo: Outras expressões, 2015, p. 125-159.

CARCANHOLO, Reinaldo. **Capital: essência e aparência**. Vol. 01. São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

CARCANHOLO, Marcelo. **Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx**. Madrid. Maia Ediciones, 2017.

_____. Conteúdo e forma da crise do atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. In: ____ **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v 01, nº 03. Ed. Especial – Dossiê: A crise atual do capitalismo. Dez. 2011.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

DIEESE. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2016.** Livro 6, São Paulo, 2017. Remuneração. Disponível em: https://www.dieese.org.br/anuario/2017/Livro6_Remuneracao.pdf. Acesso em 23/04/2019

FILGUEIRAS, Luiz. Padrão de Reprodução do Capital e Capitalismo dependente no Brasil atual. In:___ **Caderno CHR**, Dossiê: A teoria Marxista da Dependência e os desafios do século XXI. Salvador, v. 31, n. 84, p. 519-534, Set./Dez. 2018.

HERRERA, Rémy. O capital fictício no centro da crise. In: GOMES, Helder. **Especulação e lucros Fictícios: Formas Parasitárias da acumulação contemporânea.** São Paulo: Outras expressões, 2015, p. 7-12.

IBGE. PNAD – **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.** IBGE, 2016. Disponível: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acessado no dia 21/09/2017.

IBGE. PNAD – **PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMÍLIO.** IBGE, 2023. Disponível: <file:///C:/Users/monic/OneDrive/Documents/UFES/INDICADORES%20IBGE%20PNAD%202023%20PRIMEIRO%20TRIMESTRE.pdf>. Acessado no dia 18/05/2023.

LANES, Mônica Paulino. A atual configuração do capitalismo dependente brasileiro e seus impactos para a juventude da classe trabalhadora. In: ___ SOUZA JÚNIOR, Luiz Carlos; TRINDADE, Hiago (Org.). **200 anos de luta: marxismo e reflexões contemporâneas.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019, pg. 151-168.

LUCE, Matias Saibel. A superexploração da força de trabalho no Brasil. In: ___ **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política.** nº 32, São Paulo. jun 2012, p. 119-141.

LUKACS, George. Historicidade e universalidade teórica. In: **Para uma ontologia do Ser Social I.** São Paulo: Boitempo, 2012, p. 339-422.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra.** 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2011, p. 131-172.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: livro I.** Vol.2. Reginaldo Sant'Ana (Trad.). 26ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PROMOÇÃO



APOIO

